

NARRATIVAS DA SEXUALIDADE: PISTAS DISCURSIVAS DA ASSEXUALIDADE NA MÍDIA

Vitória Carvalho Rocho da Silva¹

Resumo: A assexualidade, uma orientação sexual de narrativa contra-hegemônica e emergente, está sendo abordada, neste artigo, dentro do quadro teórico da comunicação social e por meio das tecnologias da internet que permitiram a formação da comunidade por indivíduos isolados geograficamente. Enquanto os cientistas sociais conceituam seus interesses na sexualidade de três maneiras comuns — comportamento, desejo e identidade — neste estudo, escolhemos concentrar na relação entre mídia e assexualidade, o que influencia na formação identitária dessa comunidade. Para isso, foram selecionados quatro excertos de duas categorias — Programa de televisão e Matéria online —, para serem analisados, destacando a narrativa comunicacional perante a orientação entre seus erros e acertos.

Palavras-Chave: Assexualidade. Sexualidade na mídia. Narrativa midiática. Narrativa identitária.

NARRATIVES OF SEXUALITY: DISCURSIVE CLUES ABOUT ASEXUALITY IN THE MEDIA

Abstract: Asexuality, a sexual orientation with a counter-hegemonic and emerging narrative, is being addressed in this article within the theoretical framework of social communication and through internet technologies that allowed the formation of the com-

¹ Bacharela em Comunicação Social — Jornalismo pela Universidade de Santa Cruz do Sul. Pesquisadora das questões de gênero, sexualidade e narrativas identitárias. Endereço eletrônico: vitoriacrocho@gmail.com.

munity by geographically isolated individuals. While social scientists conceptualize their interests in sexuality in three common ways — behavior, desire and identity — in this study, we chose to focus on the relationship between media and asexuality, which influences the identity formation of this community. For this, four excerpts from two categories were selected — Television Program and Online article — to be analyzed, highlighting the communicational narrative in the face of the orientation between its mistakes and successes.

Keywords: Asexuality. Sexuality in the media. Media narrative. Identity narrative.

Introdução

A identidade sexual é uma parte importante da vida da maioria das pessoas. Alguns aspectos vêm naturalmente, mas muitos fatores do comportamento sexual são determinados culturalmente. Arquétipos de atratividade, rituais de namoro e expectativas de relacionamento são estipulados pela cultura na qual o indivíduo está inserido. Os comportamentos e padrões sexuais atuais são assimilados pelos jovens à medida que amadurecem. Nas sociedades modernas, a mídia se torna uma importante fornecedora de modelos e normas sexuais e de gênero, assim como as tecnologias de comunicação interativa, tais como redes sociais e comunidades online, também disponibilizam acesso fácil à informação e pessoas que podem apresentar, reforçar ou participar de comportamentos sexuais. Tendo isso em vista, passamos a pensar academicamente a relação entre mídia e assexualidade.

Não há como negar que a sociedade vive um tempo de imersão midiática baseado no avanço tecnológico constante que concretiza o mundo virtual e este, por sua vez, molda o real. Conseguimos desenhar o que é a sociedade midiaticamente conectada a partir do ponto que a comunicação é um

segmento criado por meio da interação de indivíduos que precisam de técnicas para formar diálogos. Em outras palavras, o ser humano está constantemente buscando seus iguais para suprir suas necessidades físicas e emocionais de forma que os novos aparelhos e modelos de interação foram e continuam sendo construídos para atender primordialidades que ainda não foram remediadas ou que estão surgindo com o avançar dos tempos. E assim se passa a construir narrativas dentro da mídia.

Ainda que a narratologia não seja algo novo, o estudo sobre narrativas na comunicação é mais incomum e tem sido feito com maior assiduidade recentemente. Um dos nomes responsáveis por isso é Luiz Gonzaga Motta (2007, 2013), o qual compreende que a narrativa

continua sendo uma forma importante (se não a principal) de experimentação do mundo. Ela nos oferece um teste coerente para a complexidade da vida, da política, da economia, das tragédias e comédias. Mais que representar, as narrativas constituem a textura da experiência, permitem instituir o mundo, a política, a economia, as ciências, as religiões. Sobrepõem-se umas às outras, interatuam, são continuamente postas à prova, refeitas e substituídas por novas narrativas. São esboços instáveis e provisórios que refazemos sem cessar. Emaranhado de mantos que constitui a textura social e recobre a vida de sentidos, modelos éticos e estéticos, enredos, personagens com os quais nos identificamos ou rejeitamos (MOTTA, *apud* IUAMA, 2015, p. 5)

Este conceito, ao ser aplicado na comunicação midiática, permite-nos compreender que a narrativa nos possibilita a experiência de uma realidade a qual não podemos nos aproximar fisicamente, mas não por isso deixa de ser menos verdadeira ou que possua menor importância. A partir do contato por meio da mídia, o espectador tem a oportunidade

de desenvolver conhecimentos e construir ideias de modo acelerado e facilitado, pois, segundo Motta (*apud* LARA GOMES; PICCININ, 2019, p. 193), “[...] narrativas são formas de experimentação sucessivas e permanentes da realidade cotidiana”. O autor continua:

Narrativas, ao contrário do que dizia W. Benjamin, proliferam hoje na mídia mais que qualquer outro ambiente: no jornalismo, telenovelas, filmes, talk shows, blogs, orkuts. E continuam encantando audiências. Mais do que nunca, assistimos a uma profusão de romances, contos, biografias que consumimos incessantemente (MOTTA, *apud* GOMES; PICCININ, 2019, p. 193).

O poder da mídia reside não apenas nas notícias que são transmitidas na televisão, rádio, jornais ou em qualquer veículo nos quais as declarações aparecem. As mensagens propagadas possuem relação com o “mundo real”, não só no conteúdo, mas na forma; isto é, na maneira como a palavra é incorporada em modelos inquestionáveis e despercebidas na narração e depois transfigurada, não mais um assunto para discussão, mas uma premissa de qualquer conversa.

Colocando esse ponto como luz sobre o objeto de estudo deste artigo — a assexualidade — explora-se uma suposição relacionada ao comportamento humano face à libido, que é a de que a sexualidade não é algo que simplesmente se *faz*, mas uma identidade, algo que se *é* (WEEKS, 2007; FOUCAULT, 1979) e é criada em conjunto da narrativa midiática. Enquanto estudiosos da sexualidade teorizaram as construções sociais da identidade sexual, pretende-se, aqui, apresentar pistas discursivas para destacar momentos nos quais a assexualidade obteve palco na mídia, oferecendo a narrativa da orientação e apontando sua emergência. Indivíduos que se identificam como assexuais desafiam as noções comerciais e sociais que sexo é inerente do ser humano e a base para um relacionamento saudável e apresentam uma oportunidade única de explorar a negociação de identidade e desejo.

Programa de televisão

The View é um *talk show* americano exibido na ABC como parte do bloco de programação diurna da rede desde 11 de agosto de 1997. Em sua vigésima segunda temporada, o programa de televisão, selecionado como **excerto 1²**, apresenta um painel multigeracional de mulheres, que discute os "Tópicos Quentes" do dia, como sociopolítica, entretenimento e notícias. Em 15 de janeiro de 2006, David Jay, fundador da Asexual Visibility and Education Network (AVEN) chegou à mídia com sua mensagem sobre assexualidade. As pessoas estavam curiosas, mas a resposta foi impetuosa e superficial. Aparecendo no *The View*, Jay tentou explicar à grande mídia americana o que era assexualidade durante os oito minutos que esteve em frente às câmeras. Além do criador da AVEN, à mesa estavam as co-apresentadoras Chandra Wilson (atriz), Star Jones (advogada), Joy Behar (comediante) e Elisabeth Hasselbeck (personalidade da televisão) que conduziram a entrevista com humor e a maior parte das perguntas envolveram comparação com a "normalidade" e questionavam a validade da assexualidade de Jay.

Ilustração — screenshot da abertura do *the view*



Logo após a apresentação do convidado, Hasselbeck pede a ele explique o significa ser assexual e como é viver dessa forma, porém, Jay é interrompido por Behar que questiona se a não inclusão do sexo na vida pessoal ou no relacio-

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6kPfLYuQIL8>.

namento é um problema e pergunta, ao receber a resposta negativa e sem deixar o convidado concluir, "Então por que você precisa se organizar?" e a co-participante Star Jones completou dizendo "Se você não está fazendo sexo, o que há para conversar?", ambas conseguindo risadas do público e demonstrando desconsiderando a seriedade do tópico.

David Jay explica a importância de se debater a assexualidade contando sua experiência pessoal, focando em como na sua adolescência não havia informação o suficiente para que ele se identificasse. Diante dessa narrativa, Behar sugere: "Em vez de você ser apenas um cara normal andando por aí, talvez [a sua sexualidade] seja reprimida porque você não quer encarar como a sua sexualidade pode parecer". Este comentário é ofensivo, pois nega a assexualidade como orientação ao sugerir que Jay está reprimindo algo, o que pode ser comparado à nulidade sofrida por bissexuais quando se espera que eles se assumam homossexuais em seguida. A utilização da expressão "cara normal" expõe a assexualidade como algo não natural e distante, assim como a evasiva sobre como a sexualidade "pode parecer", fazendo uma clara referência à homossexualidade, mas sem mencioná-la. Diante do desconforto do convidado, Behar o convida para "deitar" entre risadas, o que é acompanhado pelo comentário de Jones refletindo se isso seria para que ele pudesse ser "analisado ou para outra coisa", fazendo referência à atendimento psicológico em comparação com a piada sexual.

Trazendo a conversa novamente para o modo de entrevista, Elisabeth Hasselbeck pergunta a Jay sobre como é o funcionamento de relacionamentos entre e com pessoas assexuais, seguida do questionamento de Star Jones sobre haver a possibilidade de assexuais fazerem sexo em algum momento. Antes que o convidado possa responder, Behar interrompe mais uma vez interrogando se Jay já havia feito sexo consigo mesmo. Mais uma vez o comentário é levado como brincadeira e David Jay tenta responder seriamente fazendo a conexão da pergunta com a possibilidade de mas-

turbação e de alguns assexuais terem desejo sexual ainda que não sintam a necessidade de agir sobre isso, ao que Behar crítica, “Então você é apenas preguiçoso ou o quê?”. A pergunta seguinte é feita por Jones sobre a assexualidade ser uma orientação ou uma escolha e Jay demonstra certa irritação ao confirmar que está explicando uma orientação. Chandra Wilson faz sua primeira pergunta, quase ao final da entrevista, sobre relacionamento e Jay consegue dar a resposta mais completa da entrevista antes de ser interrompido mais uma vez por Behar. A partir desse ponto, Hasselbeck agradece a participação do convidado e finaliza a entrevista. Como resultado da primeira aparição de David Jay em rede nacional para falar sobre assexualidade, o fundador da AVEN foi ridicularizado em certos momentos e a orientação desacreditada em vários outros.

Dentre os poucos programas de televisão brasileiros que deram espaço para a apresentação e debate da assexualidade, está o *Estação Plural*, o primeiro programa LGBTQ+ da televisão aberta nacional e que está no ar desde 2016 no canal TV Brasil e é apresentado por Ellen Oléria (cantora e compositora), Fernando Oliveira (jornalista) e Mel Gonçalves (cantora). Em cada episódio do programa é recebido um convidado especial, não necessariamente especialista em algum dos assuntos que serão tratados durante os cinquenta minutos de transmissão, mas com competência para conversar com os apresentadores sobre temas de comportamento e tabus, apresentando no final de cada episódio uma reportagem relacionada à comunidade LGBTQ+.

Ilustração — Screenshot da abertura do Estação Plural



Em 02 de agosto de 2016, o *Estação Plural* recebeu o cantor pernambucano Johnny Hooker e a matéria final do programa foi sobre assexualidade, nosso **excerto 2**³. Durante a chamada, a apresentadora Mel Gonçalves explica a assexualidade como uma orientação sexual e que a mesma está inserida na comunidade LGBTQ+, uma fala muito mais consciente quando comparada a que apareceu em *The View*, demonstrando a evolução da narrativa do tema na mídia durante os dez anos de diferença entre um programa e outro.

Como especialista, o *Estação Plural* trouxe a médica psiquiatra Carmita Abdo, fundadora do Prosex (Projeto de Sexualidade do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, para falar sobre o tema. Ela inicia a fala fazendo a distinção entre a orientação e transtornos psicológicos, seguida do dado de que é encontrado na população brasileira, aproximadamente, 7% de mulheres e 2% de homens que são assexuais⁴. Nesse momento, ela utiliza o termo “assexuado”, o que é errôneo, pois se refere a um tipo de reprodução e não a uma orientação sexual.

Voltando ao estúdio, os três apresentadores e o convidado passam a conversar sobre o tema. Mel Gonçalves abre a discussão com uma pergunta: “Por que será que a gente entende alguém faz sexo sem amor, mas não entende quando alguém ama sem fazer sexo?”. Em seguida surgem comentários sobre a grande diversidade na questão de gênero e sexualidade, o que demonstra que os próprios participantes do programa, que estão inseridos e trabalham com temas voltados ao universo *queer*, não tinham contato prévio com a orientação. O único que demonstra ter conhecimento anterior ao programa é o jornalista Fernando Oliveira ao trazer para a conversa o documentário de Angela Tucker, *(A)sexual* (2011),

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KugiGX6jAtY>.

⁴ Os números exatos são 7,7% das mulheres e 2,5 % dos homens, entre 18 e 80 anos. Esse dado foi obtido por meio de pesquisas do Programa de Estudos da Sexualidade do Instituto de Pesquisa do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP (ProSex-IPq).

que acompanha David Jay diante de uma cultura obcecada por sexo, preenchida de estereótipos e equívocos e carente de pesquisa social ou científica. O documentário mostra, em certo momento, uma Parada LGBTQ+, no qual os assexuais não são inseridos completamente, o que abre espaço para uma discussão que ainda hoje acontece no meio *queer*, sobre eles pertencerem ou não ao grupo.

Nos minutos finais do programa, Mel Gonçalves questiona que “o sexo vende, como você está fora disso?”, de forma empática e não crítica. O tema assexualidade demorou um pouco mais para chegar no Brasil, principalmente na televisão, do que na mídia internacional, o que causa um atraso no acesso do público a informação, mas permitiu uma maior maturidade quanto à abordagem do tema, como demonstrado neste episódio de *Estação Plural*.

Matéria online

Enquanto veículos de comunicação estavam se adaptando a ideia da existência da assexualidade e diversas matérias televisivas e em jornais estavam ainda a questionando como orientação, *The New York Times* publicou em 09 de junho de 2005 uma reportagem exploratória e bastante completa sobre a assexualidade sua versão online e impressa, selecionada como **excerto 3**⁵. Sob o título “Para eles, apenas dizer não é fácil”, a jornalista Mary Duenwald inicia o texto a sentença: “Pássaros fazem isso, abelhas fazem isso. Mas não necessariamente todos eles”, fazendo uma referência a uma expressão idiomática do idioma inglês e eufemismo que se refere ao namoro e às relações sexuais, em seguida, ela utiliza exemplos de animais que não têm a prática sexual em seu curso natural para fazer uma ligação deveras duvidosa com os assexuais. Logo ela usa a frase “condição normal” para

⁵ Disponível em: <https://www.nytimes.com/2005/06/09/fashion/thursdaystyles/for-them-just-saying-no-is-easy.html>.

descrever a assexualidade, o que reflete algo externo ou anormal, porém é assertiva ao continuar que a assexualidade “não é o resultado de orientação sexual confusa, medo da intimidade ou um lapso temporário do desejo”.

Ilustração — Título da matéria do *New York Times*

The New York Times

For Them, Just Saying No Is Easy

By Mary Duenwald

June 9, 2005



A reportagem foi lançada após uma série de estudos do Dr. Anthony Bogaert⁶, na qual ele explorou a demografia assexual e causou uma onda de veículos de comunicação usarem a assexualidade como pauta, como o exemplo trazido no excerto programa de televisão do *The View*. Nesse período, poucos estudos haviam sido feitos na área e a maior parte dos estudiosos da sexualidade desconheciam o tema ou o negavam. Uma das fontes da matéria, Irwin Goldstein, diretor do Centro de Medicina Sexual da Universidade de Boston e editor *The Journal of Sexual Medicine*, aproxima-se de fazer isso ao dizer que três quartos de seus pacientes não possuíam desejo sexual, diagnosticando-os com Transtorno do Desejo Sexual Hipoativo (TDSH). Porém, logo adiciona que esse é o caso apenas quando a falta de interesse no sexo causa sofrimento ou leva a conflitos dentro de um casamento ou relacionamento romântico. Mesmo que o último detalhe não seja relevante dentro da psicologia particular, mas da concepção de relacionamento na sociedade, é um comentário progressista entre profissionais da psicologia da época.

⁶ Anthony Francis Bogaert é um psicólogo canadense e professor nos Departamentos de Psicologia e de Ciências da Saúde Comunitária da Universidade de Brock. Bogaert é conhecido por estudar vários assuntos relacionados à sexualidade humana, incluindo assexualidade.

Um exemplo é dado quando a reportagem abre espaço para Leonard R. Derogatis, psicólogo e diretor do Centro de Saúde e Medicina Sexual da Universidade Johns Hopkin, que discorda que a falta de interesse em sexo pode ser considerada normal e compara o desejo sexual com o apetite por comida, declarando que “sexo é um impulso natural, tão natural quanto o desejo pelo sustento e pela água para sobreviver. É um pouco difícil julgar essas pessoas como normais”.

Na parte seguinte, a reportagem faz uma breve distinção entre assexual e assexuado e atração romântica e sexual, ambas em um discurso vago e indireto, quase tentando fazer humor ao exemplificar a reprodução assexual com amebas e águas-vivas. A AVEN é o próximo tópico explorado por Du-enwald, que descreve a organização como “grupo da internet”, mesmo que já fosse a maior comunidade online a trabalhar com a sexualidade. A jornalista traz o dado que o site conta com cerca de 4 mil participantes registrados, enquanto em 2018, em entrevista para a reportagem apresentada no capítulo anterior, Michael Doré, diretor de mídia da AVEN, afirma que a organização possui uma adesão internacional de quase 70 mil pessoas, recebendo cerca de 35 novos membros diariamente, continuando como a maior organização de assexualidade do mundo.

O próximo bloco traz informações de tronco comum com as demais matérias apresentadas na análise. Comparação com celibato, o dado de 1,1% das pessoas serem assexuais analisado por Bogaert e identificação enganosa com outras sexualidades antes de chegar a assexualidade são temas que aparecem em praticamente todos os materiais produzidos sobre a assexualidade. Porém, a reportagem abre espaço para uma conversa sobre as causas fisiológicas e psicológicas da assexualidade, sugerindo, inclusive, tratamentos hormonais. Tal discussão foi perdendo intensidade por meio de estudos e vozes que se manifestaram com o passar do tempo, mas em 2005 ainda era um debate válido e fortemente ligado às ciências da natureza.

A reportagem, como um todo, é satisfatória, ainda que apresente certas visões ou formas de lidar com a assexualidade que atualmente são consideradas ofensivas ou constrangedoras. Oferece uma base informativa abundante, um número de fontes elevado comparado às demais matérias produzidas na mesma época com seis cases e sete especialistas entre psicólogos, médicos, escritores e pesquisadores e passa a mensagem de que, considerando a publicidade generalizada de medicamentos e cosméticos para melhorar o desempenho sexual e a onipresença de referências sexuais na cultura pop, não é de surpreender que aqueles que não professam desejo sexual tenham sido mal compreendidos ou pelo menos esquecido, porém, a matéria revitaliza a importância de ver a assexualidade para além disso.

Sete anos após a reportagem do *New York Times*, foi a vez do *Observer* — jornal dominical do grupo *The Guardian* — produzir uma matéria de relevância com a pauta assexual, nosso **excerto 4**⁷. Em 26 de fevereiro de 2012, a editora de notícias sênior do jornal britânico, Rosie Swash, publicou o texto “Entre os assexuais”, o qual começa de forma divertida com o depoimento de uma fonte assexual. “Tenho 47 anos, mas pareço mais jovem, provavelmente porque me cuido bem e também não tenho o estresse de marido e filhos”, inicia Annette antes de falar sobre sua vida no subúrbio de Minnesota, seu cotidiano como advogada e as experiências de ser uma mulher solteira e assexuais — o que envolve, inclusive, uma anedota sobre a vizinha que rezou para que ela conseguisse um marido.

⁷ Disponível em: <https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2012/feb/26/among-the-asexuals>.

Ilustração — Título da matéria do *The Guardian*



O começo da matéria é pessoal e leve, diferente do modo como a assexualidade é abordada nos demais textos e vídeos exploratórios que buscam sempre iniciar com a definição da orientação ou as dificuldades de ser assexual com um discurso pessimista. Já Swash apresenta um caso de uma assexual bem resolvida consigo mesma e que possui uma crítica maior sobre como as pessoas preferem falar — negativamente, na maioria das vezes — sobre seus cônjuges do que sobre assuntos sociais de interesse comum como política e educação.

No bloco seguinte, David Jay e a AVEN tornaram-se foco da reportagem, como de costume. A jornalista levanta o dado de que a comunidade, em 2012, possuía cerca de 50 mil membros — sendo que em 2005 o registro era de 4 mil e, em 2018, a AVEN contava com mais de 70 mil associados. Em seguida, pontua os obstáculos cotidianos enfrentados pelos assexuais em uma sociedade centralizada em relações sexuais e românticas e desinformada quanto à orientação, trazendo o exemplo da presença de Jay no programa de televisão *The View* — anteriormente analisado — e demonstrando como as apresentadoras lidaram ofensivamente com a questão. A jornalista utiliza uma fala de Bogaert para finalizar essa crítica: "Teoricamente, a ausência de desejo sexual não deve ser um problema, mas a nossa é uma mídia que sugere que a hipersexualidade é a norma", ou seja, potencialmente,

a assexualidade se tornou um 'problema' à medida que se tornou mais visível.

Um ponto de destaque da reportagem é a apresentação de um site britânico de namoro chamado *Platonic Partners*, criado em 2007 por Suzie King, conselheira terapêutica, depois que um de seus pacientes tentou se suicidar, pois ele não podia prever um futuro em que alguém estaria disposto a ter um relacionamento com ele sem sexo. O site atende não apenas assexuais, mas também indivíduos sexualmente impotentes e aqueles que não podem fazer sexo por causa de uma lesão. Ao final, compreende-se que, seja qual for o motivo, a mensagem central é: apenas porque você não deseja ou não pode fazer sexo, isso não significa que você deva passar a vida sozinho.

Em um longo trecho, Swash responde algumas perguntas instintivas relacionadas à comunidade assexual, desde os diferentes tipos de atração, as etapas de descoberta até o confronto com celibato e traumas. Apoiando em pesquisas de Lori Brotto⁸ e de Bogaert, a jornalista deixa claro que a assexualidade não é sinônimo de deficiência física ou psíquica. É interessante ressaltar que a própria Swash admite ter sido desrespeitosa com uma de suas fontes ao questioná-lo se sua religião era o motivo da assexualidade. "Eu nunca perguntaria a uma pessoa gay se sua educação a havia tornado gay; então, por que isso tropeça na língua quando se fala com uma pessoa assexual?", escreveu ao compreender que assexuais não têm necessariamente um problema em serem assexuais, mas sim com a suposição de que isso é "causado". A reportagem, além de informativa com seus cinco casos e cinco especialistas, é compreensiva. Por meio da escrita de Rosie Swash é possível acompanhar o processo que faz jus ao

⁸ Professora assistente do Departamento de Obstetria e Ginecologia da Universidade da Colúmbia Britânica, que é, ao lado de Bogaert, uma das principais acadêmicas no campo da assexualidade e em suas pesquisas mostra que não há divisão de gênero em relação a orientação, ou seja, homens e mulheres têm a mesma probabilidade de serem assexuais.

título da matéria enquanto ela caminha entre assexuais e não apenas expõe o público uma realidade distinta da deles, mas também demonstra as descobertas pessoais da própria jornalista.

Em conclusão, percebe-se que qualquer elemento que vá contra a norma e ameace o *status quo*, é ridicularizado ou alvo para eliminação. As reações com as quais as pessoas assexuais têm de lidar mostram quão tacanha e desinformada sobre sexo que a sociedade realmente é.

Conclusão

Discutindo narrativa e identidade, Brockmeier e Carbaugh (2001) esclarecem que as narrativas da vida se transformam em um laboratório de possibilidades para a construção da identidade humana, sinalizando que os seres humanos estão sempre em formação. Ecoando a teoria do discurso narrativo de Bakhtin, os autores elaboram que a teoria bakhtiniana revelou analogias estruturais surpreendentes entre discurso novelístico, histórias de vida e memória autobiográfica, o que levou a novas concepções de mente multivocal e o eu dialógico. Em outras palavras, os textos continuamente se originam e apontam para outros materiais e os estudiosos afirmam que os textos podem construir histórias sobre uma vida em potencial, de forma que os textos literários podem ser aceitos como abertos, pois, estes não são finalizáveis, já que a realidade não se limita a apenas uma opção, dando abertura para significados e identidades e que vão além da capacidade de expressão da história.

Nesse sentido, ao discutir as narrativas da vida, Bruner (2001) destaca o potencial de render novas interpretações, novas histórias — e a relevância de identificar “pontos de virada” (BRUNER, 2001), um conceito pelo qual, por meio do texto, os narradores podem identificar a vida e alterar episódios, por exemplo. Bruner (1997; 2001) propõe a ideia signifi-

cativa sobre a produção da narrativa, entendida como um processo sociodiscursivo negociável, contando com sistemas simbólicos, isto é, construções socioculturais. Assim, as narrativas da vida e o autoconhecimento podem ser consideradas processos situados, desencadeando a construção da identidade.

A ideia básica é que, ao ordenar experiências, moldar intenções, usar a memória e estruturar a comunicação, as narrativas estão em ação. Desde o início do desenvolvimento humano, as práticas narrativas fornecem dispositivos fundamentais que moldam a forma e o significado de nossas experiências. Como argumentou Bruner (1997), sempre que se trata de questões de identidade e memória autobiográfica é necessário contar histórias. A história que contamos sobre nós mesmos e outros organiza nosso senso de quem somos, quem são os outros e como devemos nos relacionar.

É mais fácil conviver com versões alternativas de uma história do que com premissas alternativas de um relato “científico”. Eu não sei, em um sentido psicológico profundo, por que isso deveria ser assim, mas tenho uma suspeita. Nós sabemos, a partir da nossa própria experiência de contar histórias consequentes sobre nós mesmos, que há um lado inelutavelmente “humano” na produção de significado. E nós estamos preparados para aceitar uma outra versão como “apenas humana” (BRUNER, 1997, p. 54, *grifos do autor*).

Essas práticas sociais, no entanto, como Moita Lopes (1998) indica, não são independentes das relações de poder. Isso significa que “[...] as identidades não estão nos indivíduos, mas surgem na interação entre indivíduos que atuam em práticas discursivas específicas em que estão posicionados” (MOITA LOPES, 1998, p. 310). Argumenta-se, portanto, que os significados construídos pelos participantes na interação devem ser o foco da investigação quando o objetivo é entender a identidade.

A cultura dominante tem sido o porta-voz do grande público, controlando e reproduzindo normas sociais e culturais por intermédio de histórias e narrativas institucionalizadas. Essas histórias funcionam dentro da cultura para moldar identidades, tanto no nível coletivo quanto individual, e construir os valores e sistemas de crenças pelos quais vivemos. Mas nem toda pessoa ou grupo social tem acesso ou visibilidade para contar sua história ou criar sua própria narrativa. Os mesmos indivíduos e grupos sociais que desafiam, resistem à normalidade hegemônica frequentemente se tornam marginalizados, silenciados e/ou excluídos da representação mais ampla da corrente principal.

A realidade de qualquer hegemonia, no sentido sempre dominante, jamais será total ou exclusiva. A qualquer momento, formas de política e cultura alternativas, ou diretamente opostas, existem como elementos significativos na sociedade [...] A ênfase política e cultural alternativa, e as muitas formas de oposição e luta, são importantes não só em si mesmas, mas como características indicativas daquilo que o processo hegemônico procurou controlar, na prática (WILLIAMS, 1979, p. 116).

A hegemonia é um estado no qual uma narrativa particular é dominante, isso implica que ela se apresenta como autoevidente, gerando e legitimando práticas de centro, enquanto forças de oposição ou invisibilizadas permanecem ativas nas margens. Tais lógicas que desafiam a narrativa *mainstream*⁹ são conceituadas como contra-hegemônicas. Neste trabalho, a narrativa da assexualidade é retratada como agente contra-hegemônico dentro da ordem de uma sociedade sexualizada e heteronormativa e isso implica que suas práticas contra atingem a lógica dominante dessa ordem. Enquanto a mídia *mainstream* está preocupada com a manutenção da narrativa tradicional e busca econômica por

⁹ São pertencentes ao mainstream as ideias, atitudes ou atividades consideradas normais ou convencionais; a tendência dominante na opinião, moda ou artes.

novos públicos, as narrativas contra-hegemônicas são aqui conceituadas como envolvidas em um projeto de transformação social e de valores.

Sem dúvida, não se pode deixar de admitir que a comunicação em grande escala faz parte do mundo de hoje, principalmente nos países desenvolvidos, nos quais jornais e materiais impressos, a televisão, o rádio e a internet proporcionam entretenimento e são necessários para a vida cotidiana. Com as narrativas enviadas, destacadas e valorizadas, a mídia tem o poder de influenciar os desejos, opiniões, crenças e atitudes das pessoas. Instintivamente, cada indivíduo organiza o conhecimento adquirido sobre o mundo ao seu redor por meio de um processo de classificação que visa simplificar as informações, o que resulta na produção de esquemas cognitivos. Ou seja, são criadas representações da realidade, exibindo seus elementos e propriedades mais típicos e fundamentais. Esses esquemas ajudam a definir o básico do mundo e da civilização e possuem uma influência significativa na cognição social, desde a preparação do que naturalmente está por acontecer até a compreensão das situações e o controle das emoções e sentimentos.

Esse processo, frequentemente baseado na tradição e resistente à mudança, produz muitas simplificações e generalizações, a partir das quais são gerados estereótipos e estes, por sua vez, podem apresentar uma ideia incompleta, subjetiva e, até mesmo, falsa da realidade. O que as pessoas veem, ouvem e compreendem na mídia os ajuda a descobrir quem são e o que é valorizado em nossa sociedade. Partindo desse ponto, pode-se entender que a mídia tem muito poder para endossar identidades, assim como estereótipos, e, conseqüentemente, a aceitação delas por parte do grande público.

Referências

BROCKMEIER, J.; CARBAUGH, D. (Org.). *Narrative and identity: studies in autobiography, self and culture*. John Benjamins Publishing. 2001. Disponível em: [http://armytage.net/pdsdata/%5BJens_Brockmeier,_Donal_A._Carbaugh%5D_Narrative_and\(Book4You\).pdf](http://armytage.net/pdsdata/%5BJens_Brockmeier,_Donal_A._Carbaugh%5D_Narrative_and(Book4You).pdf). Acesso em: 19 out. 2021.

BRUNER, Jerome. *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BRUNER, Jerome. Self-making and world-making. In: BROCKMEIER, J.; CARBAUGH, D. (Org.). *Narrative and identity: studies in autobiography, self and culture*. John Benjamins Publishing. 2001. p. 25-37. Disponível em: [http://armytage.net/pdsdata/%5BJens_Brockmeier,_Donal_A._Carbaugh%5D_Narrative_and\(Book4You\).pdf](http://armytage.net/pdsdata/%5BJens_Brockmeier,_Donal_A._Carbaugh%5D_Narrative_and(Book4You).pdf). Acesso em: 19 out. 2021.

FOUCAULT, Michel. A História da Sexualidade. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 243-276.

IUAMA, Tadeu Rodrigues. Histórias de jogo: o uso de histórias de vida como metodologia para o estudo de players de RPG. In: *11^o Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero*, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2017/02/Tadeu-Rodrigues-Iuama-Uniso.pdf>. Acesso em: 19 out. 2021.

LARA GOMES, J. F.; PICCININ, F. Um olhar sobre aquele que escreve e seleciona notícias: Narrar na contemporaneidade e o jornalismo. In: CALVO, P. et al. (Org.). *Gênero, notícia e transformação social*. Aveiro: Ria Editorial, 2019. p. 186-218. Disponível em: https://play.google.com/books/reader?id=voOWDwAAQBAJ&pg=GBS.PA186&hl=pt_PT. Acesso em: 19 out. 2021.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Discursos de identidade em sala de aula de leitura de L1: a construção da diferença. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 303-330.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise crítica da narrativa*. Brasília: UnB, 2013.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, Cláudia; MACHADO, Marcia Benetti. *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.

WEEKS, Jeffrey. *The world we have won: the remaking of erotic and intimate life*. Oxon: Routledge, 2007. 269p.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. Disponível em: <https://culturaemarxismo.files.wordpress.com/2019/03/raymond-williams-marxismo-e-literatura.pdf>. Acesso em: 19 out. 2021.

[Recebido: 30 set. 2021 — Aceito: 20 out. 2021]